

GEOGRAFIAS MORTAS, VIVAS E ESPECTRAIS: FORMAS DE APREENDER O ESPAÇO

Leonardo Luiz Silveira da Silva

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – IFNMG
Salinas, MG, Brasil
leoluizbh@hotmail.com

Alfredo Costa

Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS
Caxias do Sul, RS, Brasil
alfredo.costa@caxias.ifrs.edu.br

RESUMO

O artigo em questão, de caráter epistemológico, apresenta e analisa as diferenças e congruências de três modos de interpretação geográfica, a saber: as geografias mortas, vivas e espectrais. É importante adiantar neste resumo que as geografias mortas não se autodenominam: a alcunha lhes é atribuída por formulações externas aos seus pressupostos, por vezes com caráter pejorativo. Aqui se demonstrará que os três modos de interpretação geográfica não podem ser compreendidos como herméticos, sendo necessário considerar que invariavelmente se manifestam de maneira híbrida no fazer geográfico. Alerta-se, de antemão, que as expressões “mortas”, “vivas” e “espectrais” não devem criar no leitor expectativas de conteúdo teológico; diferentemente, associam-se às formas distintas de compreender significados e operar a ciência geográfica. A conclusão aponta para a representatividade de tais abordagens na atualidade, ainda que seja notório o crescimento de bases não-representacionais que valorizam os pressupostos das geografias vivas e as espectrais.

Palavras-chave: Epistemologia da Geografia. Representações. Abordagens mais-que-representacionais.

DEAD, LIVING AND SPECTRAL GEOGRAPHIES: WAYS OF APPREHENDING SPACE

ABSTRACT

This epistemological article presents and analyzes the differences and congruences of three modes of geographic interpretation, namely: dead, living and spectral geographies. It is important to emphasize, in advance, that dead geographies do not denominate themselves: its label is attributed externally, sometimes with a pejorative bias. Here it will be demonstrated that those three modes of interpretation cannot be understood as hermetic, and that it is necessary to consider that they invariably manifest themselves in a hybrid way. It is also warned, in advance, that the expressions “dead”, “alive” and “spectral” should not create expectations of theological debate; in this case, they are associated with different ways of understanding meanings and practices in geography. The conclusion points to the representativeness of such approaches nowadays, even though the growth of non-representational bases that value the assumptions of living and spectral geographies is notorious.

Keywords: Epistemology of Geography. Representations. More-Than-representational approach.

INTRODUÇÃO

A morte, a vida e a condição espectral são três estados analogamente postos como *modus operandi* da análise geográfica, isto é, abrangem extensa amplitude na qual a geografia se inscreve. Este artigo pretende explorar essas três dimensões analíticas, de modo a evidenciar suas características e sublinhar suas diferenças e congruências. Se em certa acepção as geografias mortas exercem a primazia da análise da geografia tradicional, por outra, as geografias vivas – e também as espectrais – bebem de fontes ligadas às incorporações interdisciplinares mais recentes, tais como a dimensão mais-que-representacional e entendimentos peculiares sobre as relações em rede e o impacto do tempo e sua inexorabilidade.

Adianta-se que o jogo de palavras presente na ideia de “mortas, vivas e espectrais” não reflete necessariamente uma oposição analítica, tampouco é um convite a um debate teológico. A comparação entre as geografias vivas e as espectrais vai revelar, por exemplo, um sentido de complementariedade mais destacado do que uma oposição de ideias.

Certamente o avanço paulatino da crise das representações auxilia a consolidar o caráter pejorativo da nomenclatura “geografias mortas”: a analogia é inspirada pela associação frente à reificação conceitual, que sustentou tão solenemente as tradições (neo)positivistas. Nesse âmbito, estancar, reificar e conter são ações que passaram a ser obsolescências que se opõem às possibilidades oferecidas pelos verbos fluir, mediar e hibridizar. É de se notar que a geografia, ao lado de outras ciências sociais, é bastante preocupada com aquilo que é presente, observável, tangível e mensurável (ANDERSON; TOLIA-KELLY, 2004). Todavia, as décadas recentes têm registrado um crescimento da teorização acerca do que está ausente, sobretudo como uma estratégia de mediar relações entre as dimensões material e imaterial (KAARISTO; VISENTIN, 2023).

As geografias vivas são elusivas por concepção; certamente crescem em representatividade acadêmica no momento em que as pretensões objetivas têm assistido o esfacelamento incontestado do seu primado. Como consequência, o espaço geográfico deixa de ser um ente meramente passivo – um objeto a ser desfrutado – e passa a ser entendido como um operador ativo das relações imbricadas entre pessoas, objetos, animais (THRIFT; DEWSBURY, 2000) e outros seres vivos. Na seara das geografias vivas, as relações entre estes atores precisam ser vistas como sensíveis à espacialidade e, o espaço, de retorno, precisa ser visto como uma dimensão perpetuamente em construção, a partir da forma como essas relações se arranjam. Em outras palavras, nos domínios das geografias vivas são inauguradas posições relativas e intermediadas – lançadas pelo sujeito-em-rede – que são tão efêmeras quanto às relações dos partícipes humanos e não-humanos envoltos nos arranjos relacionais heterogêneos¹. É de se ressaltar que a diferença entre o espaço entendido como ente passivo da abordagem geográfica e como operador ativo das relações espaciais expressa a própria diferença das leituras envolvendo a (in)dissociabilidade entre o homem e a natureza. Neste caso, observa-se de modo incontestado a transcendência de pressupostos tradicionalmente ligados à modernidade.

Curiosamente, as geografias vivas se apresentam – pelo menos à *prima facie* – aparentemente limitadas quando confrontadas com a possibilidade de se utilizar lentes espectrais de análise. De fato, no âmbito da figura de linguagem, o espectro desloca-se livre de obstáculos e prolonga-se temporalmente para além da finitude da vida. Na perspectiva espectral – ou da espectrogeografia (WYLIE, 2007; MADDERN; ADEY, 2008) – precisamos considerar a possibilidade de sermos assombrados pelos espectros e, portanto, nos alimentarmos de temporalidades impossíveis – como o passado imemorial e o porvir. Entende-se por espectro a ausência capaz de interferir no tempo presente. As temporalidades participam do nosso caldeirão afetivo e, por isso mesmo, de algum jeito e ao seu modo, estão presentes em nossa performance no mundo. Frente às geografias vivas, as geografias espectrais preservam a fluidez relacional e também se portam inquietas frente às representações. Todavia, sua marca indelével é o uso do tempo em movimento como objeto primário de análise, fazendo com que presença e ausência sejam notas permanentes de sua melodia.

A estratégia discursiva da abordagem epistemológica aqui proposta é a de simplificar um assunto que possui densidade teórica. Desta forma, os três tópicos que antecedem as considerações finais estão dispostos em um critério cronológico, pelo menos no que tange ao seu lugar no debate geográfico. Sabemos ainda que as geografias vivas e as geografias espectrais possuem tributários teóricos que podem recuar bastante no tempo; não é, contudo, um fato que rompe com o caráter relativamente recente na discussão geográfica anglófona² (e quase ausente na geografia brasileira). Afinal, teorias não surgem do nada, sendo necessário considerar a condição intertextual do pensamento. Assim, das geografias mortas passaremos pelas geografias vivas até chegar nas geografias espectrais, sem nutrir a expectativa acerca da existência de uma utópica e irrefreável linearidade evolutiva do pensamento.

Apesar das abordagens que transcendem as representações terem como epicentro as geografias anglófonas e serem incipientes na geografia brasileira, acreditamos que sua abordagem apresenta crescimento e disseminação irrefreáveis, sendo discutidas tanto no âmbito de grupos de pesquisa de

¹ De forma costumaz, a literatura acadêmica chama tais arranjos de *assemblages* (FEATHERSTONE, 2011; MÜLLER; SCHURR, 2016).

² Desde o final da década de 1990 até a atualidade, proliferou-se no âmbito da geografia uma série de trabalhos associados à perspectiva não-representacional/mais-que-representacional. No âmbito das geografias espectrais, apesar da abordagem ter se inspirado em grande medida nos escritos de Jacques Derrida (1994 [1993]) em *Espectros de Marx*, tornou-se um campo de investigação sistemático na geografia somente após os anos 2000.

geografia humanista, quanto na realização de alguns eventos (como os encontros de geografias emocionais) e na iniciativa de alguns autores que travam discussões de caráter mais autônomo.

Destacamos ainda que este artigo não se trata de uma celebração ou condenação do uso desta tripla nomenclatura. As geografias mortas, vivas e espectrais aludem às formas distintas de leitura espacial e, para além destes rótulos, o que julgamos ser mais relevante é discutir os conteúdos que são sustentados por essas expressões.

GEOGRAFIAS MORTAS

Thrift e Dewsbury (2000) deram eco à expressão “geografias mortas” em um texto de abertura de uma edição da revista *Environmental and Planning D: Society and Space*. De partida, é importante compreender – inclusive pelo caráter pejorativo da expressão – que as geografias mortas não se autodenominam. Na lógica das geografias mortas, o espaço geográfico – categoria-mãe – é visto como um signo passivo³ e não como um operador ativo que se torna abrigo e agente do afeto e da performance (THRIFT; DEWSBURY, 2000). Esta consideração nos leva à conclusão plausível de que a separação entre homem e natureza – eixo teórico que sustenta o pensamento moderno – faz parte da mentalidade das geografias mortas, pois favorece o entendimento acerca da coisificação do espaço. As geografias mortas constituem-se como um conjunto de abordagens que definem o espaço e suas categorias de análise como conceitos passíveis de serem esgotados em uma descrição. Isso significa dizer que as geografias mortas celebram a reificação e – concomitantemente e com frequência – ignoram (1) o assédio do tempo sobre os objetos de análise, (2) as diferenças espaciais como fatores de questionamento da fixidez e (3) as divergências perceptivas no âmbito intersubjetivo.

A primeira negligência – que diz respeito ao tempo (1) – se explica pelo descompasso entre discurso e as inevitáveis transformações que se dão no espaço. Quando se reifica, mesmo que de tempos em tempos seja proposta uma reformulação conceitual do ente, abre-se espaço para que a dimensão do visível, observável e perceptível se desalinhe frente à rigidez descritiva. O tempo atomístico em movimento perpétuo é o garantidor dos estranhamentos. A segunda negligência – que se refere à desconsideração das diferenças espaciais como fatores de questionamento da fixidez (2) – apontam para a incapacidade de conceituações estanques serem universais, aplicadas a toda porção espacial. Sendo o espaço um operador ativo, é de se considerar que as diferenças espaciais, tanto físicas, quanto rítmicas, afetivas e/ou performativas, sejam excepcionais e expressem também as particularidades locais ou regionais. Já a terceira negligência – que se refere à desconsideração da intersubjetividade (3) – significa dizer que as definições rígidas desconsideram a pluralidade perceptiva entre indivíduos.

Thrift e Dewsbury (2000) lamentaram que grande parte da geografia parece seguir a lógica do cadáver: uma geografia interessada naquilo que é estático e que está no passado (MADDERN; ADEY, 2008). Na história do pensamento geográfico, é notável que as características que dão contornos àquilo que se convencionou chamar de geografias mortas são bastante dominantes na origem da geografia acadêmica. Nota-se, no primado do positivismo oitocentista e no seu canto do cisne – a ascensão do neopositivismo em meados do século XX – que a rigidez conceitual era vista como uma virtude indispensável. Como poderia algo aparentemente obtuso ter a representatividade no coração da tradição geográfica?

Primeiramente, há de se destacar que faz parte de uma justiça frente à teoria considerar que as geografias mortas se apresentam com gradações: existem geografias mais “mortas” do que outras. É possível considerar abordagens em que se reifica parcela dos conceitos e se considera a polissemia e a intersubjetividade para outra parcela; é de se destacar que a negligência da consideração do impacto do tempo sobre os objetos de análise também pode se oferecer em gradação, assim como é possível considerar de maneira fraquejante a intersubjetividade. Mesmo no seio positivista é possível ver diferenças expressivas nessas posturas que caracterizam as geografias mortas. Como vimos, para Thrift e Dewsbury (2000), o espaço tido como um ente passivo na interpretação geográfica conduz às geografias mortas; é de se supor que, por detrás desta determinação, possam existir variações importantes de interpretação,

³ Até muito recentemente, o estudo da cognição era baseado no modelo cognitivo clássico no qual a representação passiva do mundo é seguida por inferência. Mas esse tipo de abordagem tem sido cada vez mais substituído por noções de percepções do desdobramento da ação-no-contexto. O ambiente tem deixado de ser visto como passivo. Em vez disso, torna-se uma multiplicidade de possibilidades no tempo. Destaca-se que a percepção torna-se uma trajetória moduladora que descreve como o mundo é e, simultaneamente, prescreve um espaço de respostas adaptativas. O ambiente é, diga-se de passagem, uma extensão do mente; no sentido inverso, a mente é uma extensão do ambiente (WYLIE, 2007).

incluindo a possibilidade de conduções teóricas recalcitrantes, que ora consideram o espaço como um ente passivo e ora como um operador ativo das relações que nele acontecem.

Em segundo, há de se considerar o contexto do *zeitgeist* da gênese da geografia acadêmica, no qual é compreensível a sanha reificadora no âmbito da produção do saber. Exatidão e fixidez compunham o elixir das áreas que buscavam se portar como ciência: havia uma pressão subjacente ao fazer acadêmico que objetivava a consolidação do *status* científico, aos moldes das *hard sciences* (HARVEY, 1986). A geografia, então novata na academia, buscava a legitimação enquanto ciência (CAPEL, 2013). No contexto em questão, o positivismo é indissociável da abordagem nomotética, fazendo com que a geografia se portasse como uma das *law-seeking sciences* (GUELKE, 1971). Neste contexto, fazia sentido idealizar o espaço geográfico como um ente passivo da abordagem geográfica.

As repercussões desta idealização positivista são variadas e profundas, incluindo afetividades bastante poderosas⁴. Por exemplo, é perceptível que a primazia nomotética conduziu a geografia regional à posição de adversária da ciência, já que os estudos vinculados a esse campo destacam as excepcionalidades de uma dada porção do espaço, dificultando a elaboração de leis (GUELKE, 1977). Schaefer (1953) – nome de grande repercussão nos estudos geográficos de meados do século XX – expressou sua confiança nomotética ao criticar as abordagens excepcionalistas, considerando que as mesmas representam um empecilho à análise espacial e à busca de padrões e formulações de leis (KING, 1979). Como síntese, é plausível admitir que nas predominantes abordagens geográficas academicamente vanguardistas, as geografias mortas eram as geografias dos significados estanques.

O uso do termo “geografias mortas” tem obtido respaldo no meio acadêmico, sobretudo como um modo de expressar uma contraposição analítica às “geografias vivas”. Para além do fato das geografias mortas serem compostas pelos significados estanques, tem sido abordado recentemente a possibilidade de a morte geográfica estar associada às transformações que visam padronizações locais/regionais. Esta perspectiva se localiza em um nicho teórico que tem sido explorado pelas abordagens pós-modernas – o que inclui a crítica à pós-modernidade – e, em alguma medida, com parcela semântica do conceito de não-lugar⁵ (RELPH, 1976; HOPKINS, 1990; CRANG, 2002; MELLO, 2008; BARTOLY, 2011).

Os esforços a favor da padronização do espaço são vistos como repercussões do chamado capitalismo tardio (JAMESON, 1991 [1984]), sobretudo para aqueles que rejeitam o termo pós-modernidade sob as excusas de vivermos uma modernidade sob outras condições, e não um rompimento com esta concepção. Ademais, inclui-se nessa discussão temáticas bem conhecidas como o debate acerca da espetacularização da sociedade (DEBORD, 1997 [1967]) e a ascensão do neotradicionalismo⁶ (APPIAH, 1991). É importante notar que a massificação do espaço – ou pelo menos a tentativa em massificar – se dá em locais de extensão limitada, como parques temáticos, centros históricos de cidades tombadas, aeroportos, grandes redes comerciais, *shoppings centers*, *inter alia*.

Katherine Burlingame (2020) defendeu recentemente sua tese de doutorado na prestigiosa faculdade de ciências sociais de Lund, na Suécia. A autora parafraseou Thrift e Dewsbury (2000) ao propor o seguinte título ao seu trabalho: *Dead landscapes – and how to make them live*. O foco específico de Burlingame centrou-se na compreensão da busca pela padronização de paisagens por meio da espetacularização do espaço. A autora criticou a intenção de produzir experiências similares nas pessoas, criando consensos e propondo reificações perceptivas. Seria justo chamar de geografias mortas esta classe de abordagens que supostamente criam experiências espaciais similares em espaços diferentes? Destaca-se, *a priori*, que as geografias dos significados estanques, hegemônicas no contexto fundador da geografia acadêmica, referem-se a uma chave de leitura de todo o espaço geográfico; diferentemente, as geografias das

⁴John Fraser Hart evidencia que a obsessão positivista manifestou ações para além do método científico. Se referindo aos pesquisadores identificados com o positivismo, salientou: “Essas pessoas tem feito algumas coisas estranhas na tentativa de se parecerem mais “científicas”. Por um tempo, exemplificando, estava muito na moda entre os geógrafos utilizarem botas que iam até os joelhos e camisetas de flanelas vermelhas no intuito de se parecerem como geólogos, a quem consideravam serem mais cientistas do que os geógrafos. Mais recentemente, a moda entre alguns geógrafos tem sido se vincularem às salas de computadores numa tentativa de se parecerem como economistas” (HART, 1982, p.3).

⁵ Pois existe a possibilidade de compreender o não-lugar como uma porção do espaço que possui a mera função de deslocamento. Nesta acepção, uma determinada porção do espaço que não proporciona a pausa não poderia se constituir em um lugar.

⁶ Appiah (1991) percebe que as formas tradicionais ganham uma roupagem que visa atender a demanda direcionada para o que é mais palatável ao consumo e à lógica econômica em geral. Sabemos que a hibridéz é uma condição cultural, mas ao se referir ao neotradicional, Appiah (1991) destaca o mecanismo econômico que confere a hibridéz aos produtos materiais da cultura.

paisagens e lugares massificados – expressemo-nos assim – referem-se à interpretação de fenômenos espaciais restritos que conduzem certos espaços à condição de não-lugar, pelo menos em dada porção do universo semântico deste termo. A linha analítica pode se ampliar se for considerada que as geografias das paisagens e lugares massificados é uma condição global, dotada de gradações. Nesta aparente dicotomia entre as geografias dos significados estanques e as geografias das paisagens e lugares massificados estamos nos referindo a formas diferentes de um mesmo processo ou de usos bem diferentes da expressão geografias mortas, tais como ocorre com o conceito de não-lugar?

Vemos um ponto de conexão entre esses âmbitos dicotômicos das geografias mortas no qual é necessário considerar a indissociabilidade entre mente e matéria (GRAHAM, 1998; INGOLD, 1993; SILVA; 2020a), muito bem sintetizada a partir do tripé teórico de Augustin Berque: paisagem marca e paisagem matriz (BERQUE, 1984), geogramas (BERQUE, 2012) e trajetão (BERQUE, 2017). Nessas considerações, é notável que as ideias moldam o mundo que, uma vez moldado, interfere e molda as ideias. As geografias dos significados estanques e as geografias das paisagens e dos lugares massificados parecem congruir a partir das considerações da semiótica como forma de leitura espacial⁷, que é a marca da nova geografia cultural (HOPKINS, 1990) e desnuda o fato de que a iconografia paisagística pode ser lida como um texto (ROWNTREE, 1986; 1988; COSGROVE; JACKSON, 1987; DUNCAN; DUNCAN, 1988; COSGROVE, 1990a) ou intertexto (DUNCAN; DUNCAN, 1988; SILVA, 2021).

É de se considerar que as paisagens se comunicam conosco: são capazes de transmitir recados e de nos orientar espacialmente, exaltando nuances (ou grosserias) ideológicas por intermédio de elementos isolados ou arranjos erguidos por pessoas ou determinados grupos sociais (SILVA, 2022a). Nas geografias das paisagens e dos lugares massificados, temos um esforço notório para a construção de significados rígidos em palcos cuidadosamente preparados para encantar⁸ (COSGROVE, 1989; 1990b; CACHINHO, 2006). Esforços que multiplicam espacialmente a lógica do encantamento transmitem, em âmbito iconográfico, significados restritos que estão a serviço da manipulação (ainda que âmbito inconsciente). As geografias das paisagens e dos lugares massificados evidenciam os impactos espaciais da ideação que reifica e, assim, transmitem conteúdos semanticamente tão restritos quanto às abordagens das geografias dos significados estanques. Temos aí geografias mortas aparentemente distintas, sendo que as geografias dos significados estanques se posicionam em um nível teórico mais afastado da empiria, enquanto que as geografias das paisagens e dos lugares massificados parecem se portar como abordagens diretamente ligadas à experiência cotidiana e que visam lidar com certas problemáticas associadas àquilo que é chamado de capitalismo tardio. Todavia, é necessário assumir nosso desconforto ao tratar as geografias mortas em âmbitos que parecem ter mais diferenças do que congruências. Sabe-se, todavia, pelo frescor da discussão que envolve as geografias mortas, que adensamentos teóricos podem indicar novos rumos e posicionamentos semânticos para a expressão. Ao mesmo tempo, reconhecemos que significados muito variados podem povoar conceitos, como ocorre com as palavras não-lugar, paisagem e muitas outras que são instrumentais para a geografia e ciências afins.

Apesar dos apelos da interpretação semiótica terem significado um importante rompimento com a tradição da geografia cultural (MIKESSEL, 1978; DUNCAN, 1980; LEY, 1981; JACKSON, 1989; DEMERITT, 1994; STRACHULSKI, 2015), desenvolveu-se outra postura analítica. Para além da crítica de que a nova geografia cultural se apresenta obcecada em analisar as políticas de representação⁹, tem sido estabelecido que a geografia cultural e também a geografia histórica devem privilegiar a exploração de relações e processos que transcendem a obsessão frente à investigação de entidades limitadas e formas estáticas. Estar-no-mundo, na nova lógica, é mais importante do que a compreensão do afeto exclusivamente

⁷ Aplicados à leitura da paisagem, a escolha pelo amparo da semiótica é apoiada pela premissa da existência de sociedades que carregam sistemas de signos; nesse sentido, qualquer ação social bem como a disposição e constituição de artefatos são vistos como parte de um sistema amplo de signos (DUNCAN, 1987). Tais signos cumprem funções muito diversificadas: são capazes de se apresentarem como anúncios e identificam, persuadem, orientam e regulam as pessoas (SCULLE; JAKLE, 2008).

⁸ Em um exemplo, a praça Jemaa el-Fna em Marrakesh, que abriga pujante atividade comercial, certamente moldou-se esteticamente não apenas pelo compromisso com sua própria história – é de se destacar que é um patrimônio cultural – mas também com a observância das próprias expectativas que a ela são lançadas pelo olhar dos turistas (MINCA, 2007).

⁹ Por outro lado, é importante apontar que no contexto da virada cultural existem críticas direcionadas aos autores que se enveredam pelo construtivismo. Um dos pilares desta crítica é a aproximação excessiva com formas de idealismo radical. Outro pilar da crítica é que os ventos da virada cultural fizeram com que a geografia perdesse seu papel no mundo real e na prática da política (GILL, 2006).

causado pelas relações fixas dadas pelas representações (GRIFFIN; EVANS, 2008). É neste ponto que instigamos o leitor a considerar os pressupostos das geografias vivas.

GEOGRAFIAS VIVAS

Com a ascensão de desdobramentos socioconstrutivistas inspirados nas viradas cultural (COSGROVE, 1993; BARNETT, 1998), linguística (BURGESS, 1996; DEMERITT, 2002) e relacional (JONES, 2009), não parece que uma só categoria tenha permanecido incólume. De certo, as categorias nação (ANDERSON, 2008 [1984]), raça (GILROY, 1998), região (AGNEW; 1999; SILVA; COSTA, 2020), classes (THOMPSON, 1987; SILVA; COSTA, 2020), cultura (COHEN, 1993; MITCHELL, 1995; SILVA; COSTA, 2018), período (WILCOCK, 1954; WISHART, 2004; GRATALOUP, 2006; SILVA; COSTA; SILVA, 2022), sociedade (WOLF, 1988), dentre muitas outras, foram sabatinadas e tiveram um resultado comum: defendeu-se com veemência um redirecionamento analítico dos conceitos reificados e passou-se a considerar a possibilidade de ver tais conceitos em perpétua construção, ao sabor das relações sociais. Tal postura implicou não somente na noção de que os conceitos são construídos por várias mãos e a partir da observação de diferentes realidades, mas também na ideia de que as posições intersubjetivas são relevantes para a formulação de sua ideia instável. É de se destacar que as reificações conceituais não são vistas como inúteis: passaram a ser entendidas como um elemento que afeta, de forma particular, cada indivíduo envolvido em uma rede de relações.

Nem o espaço geográfico escapou do assédio dessas reflexões; diferentemente de outras tradições que o estimavam como um elemento passivo da realidade geográfica, o espaço passou a ser entendido como um operador ativo das relações. Este raciocínio trazido por Thrift e Dewsbury merece ser melhor esclarecido; o que propriamente significa que “o espaço é um operador ativo” das relações (THRIFT; DEWSBURY, 2000, p.427)?

Como os próprios autores assumem, o conceito de *performance* – um dos pilares da reflexão mais-que-representacional – permitiu que Thrift e Dewsbury elaborassem a ideia do espaço se constituir como um operador ativo. Isso significa compreender o espaço em meio a uma trama de relações, constituindo-se, ao mesmo tempo, como condicionado e condicionante destas relações. É esta condição que confere o *status* de geografias vivas à abordagem mais-que-representacional.

Consolidando-se no campo da geografia nos anos 1990, a abordagem mais-que-representacional recebeu seminalmente o nome de Teorias não-representacionais (TNR), não referindo-se a teorias propriamente ditas, mas a um estilo bem característico de abordagens (THRIFT, 2000). Mediante a percepção de que as representações compõem a fervura que garante o dinamismo das redes de relações entre pessoas e a dimensão não-humana, é crescente a compreensão de que a utilização da expressão mais-que-representacional é mais adequada para estas abordagens (LORIMER, 2005; PAIVA, 2017; WATERTON, 2019; SILVA, 2022b; 2023a; 2023b), ainda que, até então, as TNR ainda sejam utilizadas/referidas.

As abordagens mais-que-representacionais partem do pressuposto de que a realidade é efêmera – e por isso há a dificuldade em conceber as representações como expressões do real – e somente vista por meio das relações entre a dimensão humana e não-humana. Estas interações são espacialmente localizadas, mas flutuam e se rearranjam perpetuamente no interior daquilo que a bibliografia chama de *assemblage*. De forma mais básica, podemos definir as *assemblages* como uma coleção de relações envolvendo entidades heterogêneas (humanas e não-humanas) e que perduram durante algum tempo (MÜLLER; SCHURR, 2016).

No interior dessas redes heterogêneas, os atores partícipes da rede se afetam reciprocamente, inclusive por meio da linguagem e de suas ações, que são pautadas pelas representações (por isso mesmo existe o questionamento se as TNR são uma expressão adequada para expressar essas elaborações teóricas). O afeto é difícil de ser mensurado por possuir uma parcela que se localiza em um nível abaixo da consciência intencional (BARNETT, 2008). O foco no afeto permite a ênfase na pré-cognição como um instrumento de sensação, imaginação e ação que alimenta os rituais do dia-a-dia. A partir desta perspectiva, é melhor compreendido o fato das mais-que-representacionais buscarem o levantamento e entendimento dos fluxos que permeiam a vida cotidiana (THRIFT, 2008). Esta questão parece ter inspirado Nigel Thrift a ter chamado as abordagens mais-que-representacionais de geografia do que acontece (SILVA, 2023a).

É importante perceber que o afeto nos motiva a performar, trazendo impactos para a nossa rede de relações. As nossas *performances* são responsivas ao afeto que recebemos (VANINNI, 2015). Assim, afeto e *performance* são conceitos que precisam ser vistos em conexão, pois, “as dinâmicas afetivas são vistas

como dispositivos para que o corpo possa performar certas ações, incluindo o discurso” (HUTTA, 2015, p.296). Visto como prática ou agência, por vezes a *performance* é compreendida como uma prática incorporada [*embodied practice*] (MACPHERSON, 2010), uma expressão que nos deixa transparecer o entendimento de que as nossas ações exprimem o afeto que nossos corpos carregam. Por esta razão o afeto também é percebido como algo a ser manipulado (BARNETT, 2008) e a descoberta de novos meios de praticar o afeto é um campo formidável de manipulação por parte dos poderosos (THRIFT, 2004).

Na perspectiva mais-que-relacional o espaço é um operador ativo das relações afetivas que transformam sua materialidade e também as ideias que os indivíduos nutrem acerca de sua essência. Materialidade e ideia formam um paralelo com o dueto *performance* e afeto: agir no/sobre o espaço é um verbo guiado pelos atos de sentir, estimar e pensar acerca do espaço, incluindo nesta trama a possibilidade de influência de um caldeirão emotivo e, em outro extremo, de esforços racionais que buscam – ainda que sem sucesso – isolar as emoções das ações humanas. Como o espaço contém um estrato afetivo, é plausível a consideração de que, sob a perspectiva mais-que-relacional, o espaço esteja longe de ser um ente passivo; o arranjo das coisas que se dá no espaço é o que permite o constante giro caleidoscópico, tanto na organização das ideias quanto da matéria que anima o mundo. Diferentemente, abordagens anteriores à perspectiva das geografias vivas são marcadas pelo enfoque apartado das camadas material, simbólica e afetiva da paisagem. Em outras palavras, tal abordagem vê a vida cotidiana a partir da criação contínua de efeitos por meio de encontros ao invés de contar com a mera existência de códigos e símbolos conscientemente planejados (WYLIE, 2007).

A linguagem mais-que-representacional – quando fica no nível da discussão teórica – pode ser vista como um terreno árido e desencorajar os pouco iniciados¹⁰, devido à grande quantidade de conceitos que ainda não são habituais aos geógrafos. Já existe um número substancial de trabalhos que poderiam servir didaticamente à compreensão do entendimento do espaço como um operador ativo das relações que nos auxiliam a moldá-lo e compreendê-lo¹¹. Fiquemos com o exemplo de Cristina Zara (2021) que explorou a perspectiva mais-que-representacional no contexto das geografias elementais: focou nas diversas maneiras em que a água impacta nas *assemblages* em Veneza, Itália, e na indiana Vanarasi. A autora estabeleceu um comparativo das relações estabelecidas entre as pessoas e as águas de duas cidades dotadas de características socioculturais e de percursos históricos acentadamente diferentes. As águas destas cidades compõem de forma notável o arranjo espacial, impactando e sendo impactadas pelas relações com homens e a dimensão não-humana.

GEOGRAFIAS ESPECTRAIS

Na bibliografia do tema, Jacques Derrida é tido como uma referência que inspirou a abordagem espectral. No seu livro *Specters of Marx*, Derrida (1994 [1993]) estabelece uma reflexão sobre temporalidades que se aglutinam e afetam ao seu modo certo recorte da inexorabilidade temporal. Aprioristicamente, para além do entrelace multitemporal, é importante considerar que as geografias espectrais também transcendem as representações. Assim como ocorre nas geografias mais-que-representacionais típicas, na abordagem espectral há o reforço da justaposição do mundo material dos objetos e das coisas frente ao mundo imaterial das representações, afetos e emoções (MCCOMARCK, 2010). Exemplificando, para Degen e Hetherington (2001) o passado fala conosco por intermédio da arquitetura. Até mesmo o futuro pode falar, à medida que tendências arquitetônicas podem ser percebidas e anúncios sobre o porvir podem povoar a dimensão simbólica. É didático o trocadilho de Paul Gunnar Olsson (1983) que dá o título a um dos seus artigos: trata-se de “*expressed impressions of impressed expressions*”, que é um artifício linguístico que alude à trajeção berqueniana – ou seja – à fluidez entre mente e a materialidade que expressa ideias que formulamos neste trabalho.

As geografias espectrais têm sido cada vez mais abordadas; nota-se um crescimento substancial de artigos e livros acerca da temática (CAMERON, 2008). O modo muito particular das geografias espectrais de operar a leitura espacial inclui o impacto da noção de presenças e ausências em um dado lugar ao longo da

¹⁰ Jörn Seemann (2015) argumentou que as TNR possuem um vocabulário muito exclusivo, que dificulta o intercâmbio de ideias, à medida que seus seguidores parecem se comunicar por meio de uma linguagem dotada de códigos pouco conhecidos. Tim Cresswell, assistindo a uma exposição de Nigel Thrift no final dos anos 1990, ouviu pela primeira vez o termo não-representacional. Perguntando a Thrift após o evento a respeito do que se tratava o termo, ouviu uma rápida explicação e continuou sem entender (CRESSWELL, 2012), o que o motivou posteriormente a investir nessa nova abordagem que se instalava nos estudos culturais.

¹¹ Ver Gibbs (2009), Panelli (2010), Hayward (2012), Hitchings (2012), Krause e Strang (2016), Adams-Hutcheson (2019).

passagem do tempo. Parte-se da premissa que os passados e futuros revelam uma relação suplementar com o presente: por isto, as geografias espectrais – fantasmagóricas – distorcem as percepções do espaço-tempo (MADDERN; ADEY, 2008). É importante observar que a principal importância da consideração espectral reside no entendimento de que a experiência do espaço e lugar é sempre assombrada pela espaço-temporalidade não coincidente, na qual passado e futuro participam simultaneamente e de maneira imprevisível¹² (MCCOMARCK, 2010). Esquecendo-se dos espectros do futuro, algumas vezes as assombrações podem ser restritamente apresentadas como marcas ocultas do passado. Isso ocorre com alguma frequência com estudos coloniais/imperiais ou pós-coloniais, como se vê em Rachel Busbridge (2015): em um artigo relativo ao sítio do povoado de Lifta – na Palestina ocupada –, a autora argumenta que as assombrações são presenças fervilhantes daquilo que aparentemente não está presente, sendo capazes de intrometer em realidades tidas como certas¹³. A incapacidade de compreender certos processos advindos de uma temporalidade estranha à nossa experiência ajuda a construir os segredos paisagísticos (SILVA, 2020b).

Uma edição especial da prestigiosa revista *Cultural Geographies* dedicou-se a abordar as geografias espectrais, dando enfoque no papel da ausência como fator relevante da interpretação geográfica. Os autores expressaram no editorial que a edição especial “propõe melhorar a compreensão de como lembranças de coisas passadas e pessoas que se foram interferem em realizações presentes”, e, portanto, a edição em questão “demonstra a relevância da ausência¹⁴ em sua dimensão social e espacial” (MEIER; FRERS; SIGVARDSDOTTER, 2013, p.423).

Nas abordagens da geografia espectral, costuma-se fazer um jogo oximorônico com as palavras “a presença da ausência” ou “a ausência da presença”, expressões comuns que explicitam a força da passagem do tempo atomístico como forma de propor um embaralhamento de espaços-tempo. O espaço ausente está sempre presente não só por meio do deslocamento (antrópico ou natural) dos materiais, mas também é manifesto como ideias, percepções e formulações produzidas por experiências que são originadas nos mais longínquos confins (SILVA; COSTA, 2022a). Na lógica do espaço-tempo, as supressões da experiência histórica (SILVA, 2018a) e da variedade geográfica (SILVA, 2018b) são inaceitáveis. A Terra não é apenas cónita ou incónita, como outrora discursou John K. Wright (2014 [1946]); espaços são conhecidos em determinadas temporalidades e, muitas das vezes, jamais teremos a possibilidade de atualizar as informações das experiências que tivemos de uma dada localidade em um dado tempo. O tempo em movimento, na lógica espectral, inclui e subtrai presenças, fazendo com que este jogo de ausência/presença seja uma constante da análise geográfica.

A condição espectral é um elemento constitutivo da experiência geográfica e é sentido como uma persistência desprovida da plenitude da presença. Devido o dinamismo espacial, a descoberta de formas de lidar com a presença e ausência auxilia-nos a explicar o arranjo das coisas no tempo presente. Nesta lógica, sem as informações de presença/ausência, fenômenos tendem a parecer como inexplicáveis. A figura do fantasma é geralmente usada como um meio de apreender a presença daquilo que nós não

¹² Vale ressaltar que tal perspectiva diverge do presentismo, que analisa o passado e o futuro por intermédio das lentes do presente. Nesta perspectiva, somente o presente seria real, pois momentos no passado e no futuro somente existem se forem compreendidos pelo presente (ASH; GORDON, 2023).

¹³ Situado nas cercanias de Jerusalém, Lifta, um povoado de origem palestina, foi evacuado por forças de ocupação israelenses à época da fundação do Estado moderno de Israel. As ruínas ainda presentes em Lifta atualmente apresentam-se como fissuras que evidenciam um desacordo profundo entre os beligerantes (BUSBRIDGE, 2015).

¹⁴ De certa maneira, as geografias espectrais atenuam as críticas advindas do realismo especulativo, corrente filosófica de baixa penetração nos estudos geográficos (ASH; GORDON, 2023) que critica a compreensão da realidade a partir das relações estabelecidas entre elementos. Por meio dos pressupostos do realismo especulativo é criticada a “era do correlato” (BENSUSAN, 2018), que se trata de uma expressão que alude ao entendimento de que as relações exibem faces tangíveis dos significados. Hilan Bensusan (2018) acredita que a era do correlato é pautada pelo domínio da metafísica da subjetividade, que considera as correlações entre os elementos analisados como absolutas e componentes de tudo o que é possível conhecer. Para o autor, as metafísicas da subjetividade deixam de considerar a ocultação da realidade, que não se apresenta na dimensão das correlações. Quentin Meillassoux (2018) trata o conjunto de relações entre elementos correlacionados como uma forma não materialista de absolutismo. O princípio desta forma não consistiria em pretender pensar um absoluto não-correlacional, mas em fazer da correlação subjetiva a versão correta do absoluto. Meillassoux (2008) argumenta em “Após a finitude” – livro basilar do realismo especulativo – que a “revolução transcendental consistiu não só em desqualificar o realismo ingênuo da metafísica dogmática, mas também e, sobretudo, em redefinir a objetividade fora do contexto dogmático” (MEILLASSOUX, 2008, p.12). Nesse sentido, consideramos que a dimensão analítica do que é espectral ajuda a considerar o domínio especulativo, ainda que não possamos esgotá-lo ou mesmo ter esta pretensão.

conseguimos explicar, que não esperamos e sequer podemos representar (MADDERN; ADEY, 2008). Acrescenta-se ao diacronismo uma complexidade sensorial: há de se considerar que o ocularcentrismo (FRIAS, 2019) deve ser relativizado permitindo que seja aberta a percepção e expressão paisagística às experiências olfativas (PORTEOUS, 1985; DROBNICK, 2002; HOOVER, 2009; YOUNG, 2020), táteis; sonoras (PORTEOUS; MASTIN, 1985; POCOCK, 1989; UIMONEN, 2008; MALANSKI, 2011; 2017; PISTRICK; ISNARD, 2013; DOZENA, 2019) e sinestésicas (TUAN, 1978), o que permite a multiplicação dos significados dos lugares, enviando ao limbo quaisquer ilusões de essência e fixidez (EDENSOR, 2007).

Para podermos vivenciar algo como ausente, é necessário que esta ausência já faça previamente parte de nossa corporeidade. Assim, temos uma qualidade crucial da experiência da ausência: ela se baseia em conexões ou apegos sensoriais e emocionais. Quanto mais fortes forem as conexões, mais profundas serão suas marcas e, assim, mais forte é a experiência da ausência. Basta pontuar que a ausência de um ente querido é vivida de uma maneira muito diferente da ausência de uma carteira, da falta de um degrau em uma escada (FRERS, 2013) ou de um azulejo na parede. Para um intérprete *outsider*, o plano da materialidade pode não apresentar um significado tão profundo como para alguém que entende a história que está por detrás de um objeto. Para exemplificar, a *Sathorn Unique Tower* – edificação monumental e inacabada que habita Bangkok, na Tailândia (POHL, 2020) – tem o seu abandono explicado como um reflexo direto da crise financeira que se abateu com profundidade sobre mercados asiáticos no ano de 1997. O abandono desta obra impactou uma quantidade expressiva de trabalhadores, investidores e famílias ligadas ao empreendimento. Sua ruína tem o potencial de lembrar os efeitos da volatilidade do capital financeiro e de trazer à tona um momento econômico particularmente difícil para os tailandeses. Um turista estrangeiro que visita a capital tailandesa, sem as devidas informações, pode ser estimulado pela ruína monumental de uma forma muito diferente.

A intermediação do espaço é o habitat e o habitus do espectro. Diferentes tempos e espacialidades se sobrepõem no nosso cotidiano. É de se considerar que certos registros de espaço-tempos dotados de localização (temporal e espacial) bem específica podem resistir mais em determinados espaços do que em outros. É o que Ashis Nandy (2015) quis elaborar quando argumentou que em tempos hodiernos a Inglaterra Vitoriana é encontrada com mais facilidade na Índia do que na própria Grã-Bretanha. Considerando que as nossas identidades são moldadas por experiências que se dão no espaço, podemos afirmar que somos uma colagem química de espaços-tempo (SILVA; COSTA, 2022b), portadores de excepcionalidades mundanas efêmeras, exibindo aquilo que Homi Bhabha chamou de tempos adiados e espaços fendidos (BHABHA, 2013).

Falar sobre ausências não é simplesmente se referir àquilo que materialmente “não está lá”, mas a um tipo particular de vazio que atinge uma presença figurativa que leva ao reconhecimento da ausência e produz efeitos muitas vezes complexos (DEGEN; HETHERINGTON, 2001). As cavidades deixadas no local que um dia abrigava os Budas de Baymian – destruídos pelo regime Talebã – exibem uma ausência que pode ter uma força até mesmo maior que sua presença (ANDREOTTI, 2010). De modo diferente, é de se considerar que a água é tão poderosa em sua presença como em sua ausência: a transformação de rios em canais – seja intencional ou não intencional – produz vestígios residuais e pistas sobre o passado. A disponibilidade da água em diferentes volumes é um dos exemplos mais fortes e impactantes do jogo entre presença e ausência (KAARISTO; VISENTIN, 2023).

Affordances é um conceito ligado à perspectiva mais-que-representacional e que grosseiramente pode significar um potencial advindo da interação de elementos humanos e não-humanos¹⁵. O exemplo da força da presença/ausência da água em um dado contexto espaço temporal nos proporciona a percepção de que as *affordances* são essencialmente relacionais e sensíveis às oscilações temporais, pois podemos distinguir entre recursos “obsoletos” e “de moderna utilização”. Um aparelho de telefone fixo, ao longo da história, representou diferentes potencialidades. Hoje é visto, na maior parte dos casos, como uma relíquia ou objeto de decoração. No caso da água, modificações irreversíveis na vazão fluvial modificam dramaticamente paisagens, como foi visto no caso do secamento paulatino e consistente do Mar de Aral (VILLIERS, 2002). Em meio às ruínas de um passado em que a água era um elemento presente, se vê a dolorosa ausência da água não somente na esfera simbólica expressa pelas carcaças de navios encalhados na areia, mas no abandono demográfico e na depressão econômica que se abateu em Moynaq (Uzbequistão) e região. Os fantasmas de Moynaq certamente são mais ativos do que a spectralidade de algum local remoto dos

¹⁵ *Affordances* designa “a qualidade de um objeto que convida e permite que se faça algo com ele” (INGOLD, 2012, p.28). Parte-se da crença de que as pessoas podem agir sobre os objetos que as circundam e, então, “os objetos “agem de volta” e fazem com que elas façam ou permitem que elas alcancem aquilo que de outro modo não conseguiriam” (INGOLD, 2012, p.33).

contextos áridos do Saara, Gobi ou Atacama, aos quais a ausência hídrica foi, nos últimos séculos, mais constante.

Memoriais inevitavelmente articulam as convenções semióticas da época em que foram construídos; todavia, a familiaridade popular pode fazer com que estas arquiteturas do passado sejam reinterpretadas de acordo com entendimentos contemporâneos (EDENSOR, 2005; SILVA; COSTA, 2022c). De acordo com Lowenthal (2011), poucas pessoas trazem à mente, pelo menos *a priori*, imagens negativas advindas dos patrimônios materiais. São raros os que lembram por meio das pirâmides a escravidão e o incesto; muitos também esquecem a arrogância imperial do Arco de Titus e o absolutismo implacável de Versalhes. Certamente as edificações não se apresentam como narrativas singulares e fixas; hodiernamente precisam ser vistas como portadoras de uma série de interpretações socialmente construídas sobre o passado (ATKINSON, 2007), ou, às vezes, se mesclam à paisagem e se tornam imperceptíveis em sua singularidade.

Todavia, é importante esclarecer: o que é espectral e está ausente não são as pilhas de tijolo, barro, madeira ou metal que deram forma às construções: são espectrais as condições afetivas que inspiraram a performance humana de outrora a erguerem as construções tal como elas foram erguidas; em retorno, também é espectral o impacto dos produtos da *performance* – em distintas temporalidades – sobre o afeto. O espectro que assombra é a evidência de que algo ausente ainda é capaz de se fazer presente no âmbito afetivo. Por isso a seguinte frase se repete como um mantra da geografia espectral: a ausência da presença coexiste com a presença da ausência (MCCORRISTINE; ADAMS, 2020).

É importante pontuar que as condições afetivas pretéritas podem ter sido nubladas ou mesmo absolutamente obliteradas devido à passagem do tempo atomístico. Por isso Gomes (2008) anuncia como título de um trabalho “Versalhes não tem banheiros!”. Refere-se ao anacronismo que povoa nossa interpretação hodierna que desconhece os termos da época do erguimento do palácio francês. Lowenthal (2015), em uma obra, anuncia em seu título: “O passado é um país estrangeiro”. Em tal empreitada, o autor refere-se às dificuldades interpretativas que acompanham o deslocamento temporal.

Ainda mais complexo é pensar que as construções devem ser vistas como palimpsestos (HARVEY, 1998): trazem vestígios de diferentes pessoas, processos e produtos que circularam pelos seus arredores em diferentes épocas. Construções são, assim, um mosaico temporal; um pastiche ou colagem de fragmentos de distintas lógicas nem sempre acessíveis ao observador/intérprete contemporâneo¹⁶. Algumas de suas linhas, estruturas e componentes são sumariamente apagados pelo tempo enquanto outros permanecem, recompondo a colagem temporal particularmente densa e desorganizada¹⁷ (EDERSON, 2005). A memória é geralmente narrada e concebida como uma sucessão de histórias que se desenrolam; todavia, faz mais sentido pensar que a narrativa linear é ofuscada pela multidão de temporalidades que se cruzam e fundem, formando uma paisagem de momentos assíncronos justapostos, o que nos permite refletir com mais profundidade o conceito de *rugosidades* trazido por Milton Santos (2012 [1996]) ou do conceito menos divulgado de *reverse salients* de Thomas Parker Hughes (1983).

A abordagem espectral ainda parece estar em experimentação, mesmo na anglofonia em que foi parida. Todavia, é de se ressaltar que as abordagens são bastante impactantes, fazendo-nos refletir sobre a limitada dimensão de nossas vidas. Ao mesmo tempo, coloca questões angustiantes como a extinção do Íbex-dos-Pirineus (*Capra pyrenaica pyrenaica*) estudada por Adam Searle (2021; 2022): nossa geração assistiu à extinção desse animal; entretanto, os Pirineus são assombrados pela sua ausência. Destaca-se que troféus de caça feitos com cabeças de Íbex-dos-pirineus ao estilo vitoriano assombram de forma angustiante

¹⁶ Além da dificuldade de compreender cadeias afetivas do pretérito, muitas vezes os componentes presentes em lugares ou paisagens são indecifráveis por si: objetos feitos de material desconhecido, sobras, resíduos, peças deslocadas de posições originais e artefatos enigmáticos também compõem o espaço (EDENSOR, 2007).

¹⁷ Acrescenta-se ainda que as coisas gradualmente perdem a semelhança com aquilo que outrora eram: o fungo cobre a madeira, o papel de parede e os estofamentos; o tecido se esfarela delicadamente, permitindo o aparecimento de lacunas; materiais diversos são roídos ou arranhados por feras e manipulados por bactérias; surgem designs elaborados como criativos padrões de empenamento, descamação, apodrecimento, incrustações, manchas e desbotamentos (EDENSOR, 2001).

aqueles que com eles se deparam, denunciando de forma incontestada a nossa condição menos-que-humana, numa paráfrase à Chris Philo (2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante reconhecer que o jogo de palavras envolvendo as geografias mortas, vivas e espectrais podem induzir expectativas que não se cumprem. Sob alguma influência teológica, é de se assumir que estar morto, vivo ou ser um fantasma são condições que se associam de forma muito particular, ainda que de maneira apartada. Por meio do nosso argumento, convidamos os leitores deste artigo a se livrarem destas amarras prévias, pois a complementariedade ou oposição analítica das três abordagens não se aprisionam na dimensão teológica.

As geografias mortas, vivas e espectrais devem ser vistas como chaves de leitura do espaço. São formas distintas de conceber as relações entre sujeito e objeto, a humanidade e a natureza, e, de forma mais ampla, o homem e o mundo. Compreender as bases dessas três “geografias” é sobrevoar a própria história do pensamento geográfico, em um período temporal limitado, mas de grandes rupturas epistemológicas. As três “geografias” abordadas não podem ser vistas como terrenos rigorosamente apartados, com escopos rígidos e bem definidos. Ainda que a inflexibilidade pareça ser uma característica das geografias mortas, se vê, na verdade, a possibilidade de distintas compreensões do termo – expressas nas diferenças entre as geografias dos significados estanques e as geografias das paisagens e lugares massificados – e de gradações na apropriação dos seus sustentáculos epistemológicos. Em alerta similar, vê-se que as geografias vivas e as espectrais comungam de uma base epistemológica comum, sendo que sua diferenciação é melhor pronunciada por intermédio das ênfases que são dadas: no caso das geografias vivas, na inserção do sujeito em arranjos relacionais heterogêneos; no caso das geografias espectrais, nos efeitos da temporalidade para a produção de um jogo de presenças e ausências que movem afetos e performances.

Destaca-se que as três “geografias” abordadas ainda possuem representatividade atual, mesmo que seja notório o crescimento de bases não-representacionais que favorecem as geografias vivas e as espectrais. O conhecimento geográfico ainda é operado pelas três “geografias”; por meio de suas sendas são produzidos resultados científicos satisfatórios. Não se pode negar que parcela importante dos avanços da geografia se deu sob as bases das geografias mortas. Ademais, são os incômodos e as experiências acerca das diferentes formas de ver o espaço que nos conduz à acomodação analítica. Isso é o mesmo que assumir que somos intertextualidade viva.

REFERÊNCIAS

- ADAMS-HUTCHESON, Gail. Farming in the troposphere: drawing together affective atmospheres and elemental geographies. **Social & Cultural Geography**, v.20, i.7, p.1004-1023, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/14649365.2017.1406982>
- AGNEW, John. Regions on the mind does not equal regions of the mind. **Progress in Human Geography**, v.23, i.1, p.91-96, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1191/030913299677849788>
- ANDERSON, Ben; TOLIA-KELLY, Divya. Matter(s) in social and cultural geography. **Geoforum**, v.35, p.669-674, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2004.04.001>
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das letras, 2008 [1984].
- ANDREOTTI, Giuliana. Paisagens do espírito: a encenação da alma. **Ateliê Geográfico**, v.4, n.4, p.264-280, 2010.
- APPIAH, Kwame Anthony. Is the Post- in Postmodernism the Post- in Postcolonial? **Critical Inquiry**, n.17, p.336-357, Winter, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1086/448586>
- ASH, James; GORDON, Rachel. Geographies of the event? Rethinking time and power through digital interfaces. **Cultural Geographies**, v.30, i.1, p.3-18, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/14744740221086262>
- ATKINSON, David. Kitsch geographies and the everyday spaces of social memory. **Environmental and Planning A**, v.39, i.3, p.521-540, mar. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1068/a3866>

- BARNETT, Clive. The cultural turn: fashion or progress in human geography? **Antipode**, v.30, n.4, p.379-394, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-8330.00085>
- BARNETT, Clive. Political affects in public space: normative blind-spots in non-representational ontologies. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.33, n.2, p.186-200, abr. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2008.00298.x>
- BARTOLY, Flávio. Debates e perspectivas do lugar na geografia. **Geographias**, v.13, n.26, p.66-91, 2011. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2011.v13i26.a13625>
- BENSUSAN, Hilan. O realismo especulativo e a metafísica dos outros. **Ecopós**, v.21, n.2, p.94-110, 2018. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v21i2.17764>
- BERQUE, Augustin. Paysage-empreinte, paysage-matrice: Eléments de problématique por une géographie culturelle. **L'espace géographique**, tome 13, n.1, p.33-34, 1984. DOI: <https://doi.org/10.3406/spgeo.1984.3890>
- BERQUE, Augustin. Geogramas, por uma ontologia dos fatos geográficos. **Geograficidade**, v.2, n.1, p.4-12, Verão, 2012. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2012.21.a12816>
- BERQUE, Augustin. A cosmofoania das realidades geográficas. **Geograficidade**, v.7, n.2, p.4-16, Inverno, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2017.72.a12977>
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BURGESS, Jacquelin. Editorial. **Landscape Research**, v.21, n.1, p.5-12, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1080/01426399608706472>
- BURLINGAME, Katherine. **Dead landscapes** – and how make them live. Faculty of Social Sciences – Department of Human Geography, Lund University. Tese de doutorado, 2020.
- BUSBRIDGE, Rachel. On haunted geography: writing nation and contesting claims in the ghost village of Lifta. **Interventions – International Journal of Postcolonial Studies**, v.17, n.4, p.469-487, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/1369801X.2014.937735>
- CACHINHO, Herculano. Consumactor: da condição do indivíduo na cidade pós-moderna. **Finisterra**, v.XLI, n.81, p.33-56, 2006. DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis1461>
- CAMERON, Emilie. Cultural geographies essay: indigenous spectrality and the politics of postcolonial ghost stories. **Cultural Geographies**, v.15, i.3, p.383-393, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474474008091334>
- CAPEL, Horacio. Neopositivismo e Geografia Quantitativa. In: CAPEL, Horacio. **Ruptura e continuidade no pensamento geográfico**. Maringá: EDUEM, 2013.
- COHEN, Anthony P. Culture as identity: An Anthropologist's view. **New Literary History**, v.24, p.195-209, 1993. DOI: <https://doi.org/10.2307/469278>
- COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. New Directions in Cultural Geography. **Area**, v.19, n.2, p.95-101, jun. 1987.
- COSGROVE, Denis. A terrain of metaphor: cultural geography 1988-89. **Progress in Human Geography**, v.13, i.4, p.566-575, dez. 1989. DOI: <https://doi.org/10.1177/030913258901300406>
- COSGROVE, Denis. ...Then we take Berlim: cultural geography 1989-90. **Progress in Human Geography**, v.14, i.4, p.560-568, dez. 1990a. DOI: <https://doi.org/10.1177/030913259001400405>
- COSGROVE, Denis. Landscape studies in geography and cognate fields of the humanities and social sciences. **Landscape Research**, v.15, n.3, p.1-6, 1990b. DOI: <https://doi.org/10.1080/01426399008706316>
- COSGROVE, Denis. On “the reinvention of Cultural Geography” by Price and Lewis. **Annals of the Association of American Geographers**, v.83, n.3, p.515-517, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1993.tb01948.x>
- CRANG, Mike. Commentary: Between Places: Producing Hubs, Flows and Networks. **Environmental and Planning A**, v.34, i.4, p.569-574, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1068/a34154>

- CRESSWELL, Tim. Review essay Nonrepresentational theory and me: notes of an interested sceptic. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.30, i.1, p.96-105, fev. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1068/d4944>
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997 [1967].
- DEGEN, Monica; HETHERINGTON, Kevin. **Spatial Hauntings**. *Space and Culture*, i.11-12, p.1-6, 2001.
- DEMERITT, David. The nature of metaphors in cultural geography and environmental history. **Progress in Human Geography**, v.18, i.2, p.163-185, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1177/030913259401800203>
- DEMERITT, David. What is the "social construction of nature? A typology and sympathetic critique. **Progress in Human Geography**, v.26, i.6, p.767-790, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1191/0309132502ph402oa>
- DERRIDA, Jacques. *Specters of Marx*. New York e Abingdon: Routledge, 1994 [1993].
- DOZENA, Alessandro. Os sons como linguagens espaciais. **Espaço e Cultura**, n.45, p.31-42, jan./jul., 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2019.48532>
- DROBNICK, Jim. Toposmia: art, scent, and interrogations of spatiality. **Journal of the Theoretical Humanities**, v.7, n.1, p.31-47, abr. 2002. DOI: <https://doi.org/10.1080/09697250220142047>
- DUNCAN, James. The superorganic in American cultural geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.70, n.2, p.181-198, jun. 1980. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1980.tb01306.x>
- DUNCAN, James. Progress report: review of urban imagery: urban semiotics. **Urban Geography**, v.8, n.5, p.473-483, 1987. DOI: <https://doi.org/10.2747/0272-3638.8.5.473>
- DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. (Re)reading the landscape. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.6, p.117-126, 1988. DOI: <https://doi.org/10.1068/d060117>
- EDENSOR, Tim. Haunting in the ruins: matter and immateriality. **Space and Culture**, i.11-12, p.42-51, 2001.
- EDENSOR, Tim. The ghosts of industrial ruins: ordering and disordering memory in excessive space. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 23, i.6, p. 829-849, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1068/d58j>
- EDENSOR, Tim. Sensing the ruin. **Senses & Society**, v.2, i.2, p.217-232, jul. 2007. DOI: <https://doi.org/10.2752/174589307X203100>
- FEATHERSTONE, David. On assemblage and articulation. **Area**, v.43, i.2, p.139-142, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-4762.2011.01007.x>
- FRERS, Lars. The matter of absence. **Cultural Geographies**, v.20, n.4, p.431-445, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/147447401347777>
- FRIAS, Renato Coimbra. O trabalho de campo na geografia: características fundamentais e um convite à escuta. **Espaço e Cultura**, n.45, p.61-86, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2019.48535>
- GIBBS, Leah M. Water Places: Cultural, Social and the More-Than-Human Geographies of Nature. **Scottish Geographical Journal**, v.125, n.3-4, p.361-369, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1080/14702540903364393>
- GILL, Nicholas. What is the Problem? Usefulness, the cultural turn, and social research for natural resource management. **Australian Geographer**, v.37, n.1, p.5-17, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1080/00049180500511939>
- GILROY, Paul. *Race ends here*. Abingdon, Oxford: **Ethnic and Racial Studies**, vol. XXXI, nº5, pp.838-847, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1080/014198798329676>

- GOMES, Paulo César da Costa. "Versalhes não tem banheiros!" As vocações da geografia cultural. **Espaço e Cultura, UERJ**, edição comemorativa, p.175-183, 2008. DOI: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2008.6146>
- GRAHAM, Stephen. The end of geography or the explosion of place? Conceptualizing space, place and information technology. **Progress in Human Geography**, v.22, i.2, p.165-185, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1191/030913298671334137>
- GRATALOUP, Christian. Os períodos do espaço. **Geographia**, v. VIII, n.16, p.31-40, 2006. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEoграфия2006.v8i16.a13520>
- GRIFFIN, Carl J.; EVANS, Adrian B. Embodied practices in historical geography: on Historical Geographies of Embodied Practices and Performance. **Historical Geography**, v.36, p.5-16, 2008.
- GUELKE, Leonard. Problems of scientific explanation in geography. **The Canadian Geographer**, v.15, n.1, p.38-53, 1971. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1541-0064.1971.tb00032.x>
- GUELKE, Leonard. Views and Opinions: Regional Geography. **The Professional Geographer**, v. XXIX, n.1, p.1-7, February, 1977. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0033-0124.1977.00001.x>
- HART, John Fraser. Highest form of the Geographer's Art. **Annals of the Association of American Geographers**, v.72, n.1, p. 1-29, mar. 1982. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1982.tb01380.x>
- HARVEY, David. **Explanation in Geography**. Bristol: Edward Arnold, 1986.
- HARVEY, David. **A Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1998.
- HAYWARD, Philip. Aquapelagos and Aquapelagic Assemblages. **Shima**, v.6, n.1, p.1-11, 2012.
- HITCHINGS, Russell. People can talk about their practices. **Area**, v.44, n.1, p.61-67, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-4762.2011.01060.x>
- HOPKINS, Jeffrey S. P. West Edmonton Mall: Landscape of myths and elsewhere. **The Canadian Geographer**, v.34, n.1, p.2-17, 1990. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1541-0064.1990.tb01064.x>
- HOOVER, Kara C. The Geography of Smell. **Cartographica**, v.44, n.4, p.237-239, Winter, 2009. DOI: <https://doi.org/10.3138/cart0.44.4.237>
- HUGHES, Thomas Parker. **Networks of power: electrification in Western Society, 1880-1930**. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1983.
- HUTTA, Jan Simon. The affective life of semiotics. **Geographica Helvetica**, v.70, i.4, p.295-309, out. 2015. DOI: <https://doi.org/10.5194/gh-70-295-2015>
- INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. **World Archaeology**, v.25, n.2, p.152-174, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1080/00438243.1993.9980235>
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos em um mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, ano 18, n.37, p.25-44, jan./jun., 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>
- JACKSON, Peter. **Maps of Meaning**. London and New York: Routledge, 1989.
- JAMESON, Fredric. **El posmodernismo o la lógica cultural dei capitalismo avanzado**. Barcelona: Paidós, 1991 [1984].
- JONES, Martin. Phase Space: geography, relational thinking, and beyond. **Progress in Human Geography**, v.33, i.4, p.487-506, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1177/0309132508101599>
- KAARISTO, Maarja; VISENTIN, Francesco. Absence as an affordance: thinking with(out) water on the inland waterways. **Cultural Geographies**, v.30, n.1, p.87-102, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/14744740221100838>
- KING, Leslie J. Areal associations and regressions. **Annals of the Association of American Geographers**, v.69, i.1, p.124-128, 1979. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1979.tb01240.x>
- KRAUSE, Franz; STRANG, Veronica. Thinking Relationships Through Water. **Society & Natural Resources**, v.29, n.6, p.633-638, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/08941920.2016.1151714>

- LEY, David. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.5, i.2, p.249-257, 1981. DOI: <https://doi.org/10.1177/030913258100500205>
- LORIMER, Hayden. Cultural geography: the busyness of being “more-then-representational”. **Progress in Human Geography**, v.29, i.1, p.83-94, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1191/0309132505ph531pr>
- LOWENTHAL, David. Why the Past Matters. **Heritage & Society**, v.4, n.2, p.159-172, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1179/hso.2011.4.2.159>
- LOWENTHAL, David. **The Past is a Foreign Country**. New York: Cambridge University Press, 2015.
- MACPHERSON, Hannah. Non-Representational Approaches to Body-Landscape Relations. **Geography Compass**, v.4, n.1, p.1-13, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1749-8198.2009.00276.x>
- MADDERN, Jo Frances; ADEY, Peter. Editorial: spectro-geographies. **Cultural Geographies**, v.15, p.291-295, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474474008091328>
- MALANSKI, Lawrence Mayer. Geografia escolar e paisagem sonora. **Ra'e'ga**, v.22, p.252-273, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v22i0.21775>
- MALANSKI, Lawrence Mayer. O interesse do geógrafo pelos sons: alinhamento teórico e metodológico para estudos das paisagens sonoras. **Ra'e'ga**, v.40, p.145-162, ago. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v40i0.46154>
- MCCOMARCK, Derek P. Remotely Sensing Affective Afterlives: The Spectral Geographies of Material Remains. **Annals of the Association of American Geographers**, v.100, n.3, p.640-654, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1080/00045601003795004>
- MCCORRISTINE, Shane; ADAMS, William M. Ghost species: spectral geographies of biodiversity conservation. **Cultural Geographies**, v.27, n.1, p.101-115, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474474019871645>
- MEIER, Lars; FRERS, Lars; SIGVARDSDOTTER, Erika. The importance of absence in the present: practices of remembrance and the contestation of absences. **Cultural Geographies**, v.20, i.4, p.423-430, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474474013493889>
- MEILLASSOUX, Quentin. **After finitude** – an essay on the necessity of contingency. London: Continuum, 2008.
- MEILLASSOUX, Quentin. Iteração, reiteração, repetição - Uma análise especulativa do signo desprovido de sentido. **Eco-pós**, v.21, n.2, p.12-93, 2018. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v21i2.20491>
- MELLO, João Baptista Ferreira de. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. **Espaço e Cultura, UERJ**, edição comemorativa, p.167-174, 2008. DOI: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2008.6145>
- MIKESELL, Marvin W. Tradition and innovation in cultural geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.68, n.1, p.1-16, mar. 1978. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1978.tb01176.x>
- MINCA, Claudio. The touristic landscape paradox. **Social & Cultural Geography**, v.8, n.3, 433-453, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/14649360701488906>
- MITCHELL, Don. There's No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, new series, v.20, n.1, p.102-116, 1995. DOI: <https://doi.org/10.2307/622727>
- MÜLLER, Martin; SCHURR, Carolin. Assemblage thinking and actor-network theory: conjunctions, disjunctions, cross-fertilisations. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.41, i.3, p.217-229, jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1111/tran.12117>
- NANDY, Ashis. A mente não colonizada. In: CASTRO, Lucia Rabelo (Org.). **A imaginação emancipatória: desafios do século 21**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- OLSSON, Paul Gunnar. Expressed Impressions of Impressed Expressions. **Geographical Analysis**, vol.5, n.1, p.60-64, jan. 1983. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1538-4632.1983.tb00765.x>
- PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LIII, n.106, p.159-168, 2017. DOI: <https://doi.org/10.18055/Finis10197>

- PANELLI, Ruth. More-than-human social geographies: posthuman and other possibilities. **Progress in Human Geography**, v.34, n.1, p.79-87, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/030913250910500>
- PHILO, Chris. Less-than-human geographies. **Political Geography**, v.60, p.256-258, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.polgeo.2016.11.014>
- PISTRICK, Ekehard; ISNART, Cyril. Landscapes, soundscapes, mindscapes: introduction. **Etnográfica**, v.17, n.3, p.503-513, October, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4000/etnografica.3213>
- POCOCK, Douglas C. D. Sound and the Geographer. **Geography: Journal of the Geographical Association**, v.74, n.3, p.193-200, jun.1989.
- POHL, Lucas. Object-disoriented geographies: the Ghost Tower of Bangkok and the topology of anxiety. **Cultural Geographies**, v.27, n.1, p.71-84, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474474019864984>
- PORTEOUS, J. Douglas. Smellscape. Manchester: **Progress in Human Geography**, n.9, p.356-378, 1985. DOI: <https://doi.org/10.1177/030913338500900303>
- PORTEOUS, J. Douglas; MASTIN, F. Jane. Soundscape. Chicago: **Journal of Architectural and Planning Research**, v.2, n.3, p.169-186, 1985. DOI: <https://doi.org/10.3138/9781487579548-005>
- RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion Limited, 1976. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781446213742.n5>
- ROWNTREE, Lester. Cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.10, n.4, p.580-586, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1177/030913258100500205>
- ROWNTREE, Lester. Orthodoxy and new directions: cultural/humanistic geography. **Progress in Human Geography**, v.12, n.4, p.575-586, 1988. DOI: <https://doi.org/10.1177/030913258801200409>
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2012 [1996].
- SCHAEFER, Fred K. Exceptionalism in Geography: A Methodological Examination. **Annals of the Association of American Geographers**, v.43, n.3, p.226-249, set. 1953.
- SCULLE, Keith A.; JAKLE, John A. Signs in motion: a dynamic agent in landscape and place. **Journal of Cultural Geography**, v.25, n.1, p.57-85, fev. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1080/08873630701822638>
- SEARLE, Adam. Hunting ghosts: on spectacles of spectrality and the trophy animal. **Cultural Geographies**, p.1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474474020987250>
- SEARLE, Adam. Spectral ecologies: De/extinction in the Pyrenees. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.47, i.1, p.167-183, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1111/tran.12478>
- SEEMANN, Jörn. O fim das representações na geografia cultural? In: ROMANCINI, Sonia Regina; ROSSETTO, Onélia Carmem; DALLA NORA, Giseli (Orgs.). **As representações culturais no espaço: perspectivas contemporâneas em geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2015.
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. As duas faces da supressão da experiência histórica. Fortaleza: **Revista de História Bilros**, v.6, n.11, p.36-55, 2018a.
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A supressão da geografia no exercício da alteridade. Fortaleza: **Geosaberes**, v.9, n.17, p.1-13, 2018b. DOI: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v9i17.620>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. A geografia entre a materialidade e a imaterialidade. **Geotemas**, v.10, n.2, p.25-47, 2020a. DOI: <https://doi.org/10.33237/geotemas.v10i2>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Segredos da Paisagem. **Revista da Casa de Geografia de Sobral**, v.22, n.2, p.133-151, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.35701/rcgs.v22n2.665>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Paisagem entre textos e intertextos. **Tamoios**, v.17, n.21, p.129-147, 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2021.50280>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. O monumento e suas batalhas simbólicas. **Revista Elisée**, v.11, n.1, e111225, jan./jun., 2022a. DOI: <https://doi.org/10.31668/elisee.v11i1.12349>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Uma geografia do que acontece. **Revista Geográfica Acadêmica**, v.16, n.2, p.72-85, 2022b.

- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. **A excepcionalidade da paisagem e do lugar**: a transcendência da (i)materialidade por meio da mediação de subjetividades. Belo Horizonte e Montes Claros: Letramento e IFNMG, 2023a.
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da. Elucidando as Teorias não-representacionais. **Geotemas**, v.13, n.1, p.e02301, 2023b.
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. Cultura como comunidade imaginada: uma crítica à abordagem ontológica da cultura nos estudos geográficos. **Geografias**, v.16, n.1, p.27-41, 2018. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-549X.2018.19236>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. O desconforto das regiões e das classes. **Geosp: Espaço e Tempo**, v.24, n.3, p.533-546, dezembro, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2020.173481>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. A presença da ausência: um paradoxo geográfico. **Geosp: Espaço e Tempo**, v.26, n.2, p.1-21, e-195614, 2022a. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2022.195614.pt>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. As identidades como uma quimera de lugares. **Revista da Anpege**, v.17, n.34, p.50-54, 2022b. DOI: <https://doi.org/10.5418/ra2021.v17i34.12063>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo. A paisagem enquanto campo de batalhas discursivo. **Caderno de Geografia**, v.32, n.69, p.524-549, 2022c. DOI: <https://doi.org/10.5752/p.2318-2962.2022v32n.69p.524>
- SILVA, Leonardo Luiz Silveira da; COSTA, Alfredo; SILVA, Larissa Santos Rocha da. Geografia-Pastiche. **Geografia, Ensino e Pesquisa**, n.26, e22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236499466324>
- STRACHULSKI, Juliano. O percurso do conceito de paisagem na ciência geográfica e perspectivas atuais. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais**, v.4, n.2, p.3-33, jul./dez., 2015.
- THOMPSON, Edward. P. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THRIFT, Nigel. Afterwords. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.18, i.2, p.213-255, abr. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1068/d214t>
- THRIFT, Nigel. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. **Geografiska Annaler**, v.86, i.1, p.57-78, mar. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.0435-3684.2004.00154.x>
- THRIFT, Nigel. **Non-representational theory: Space/politics/affect**. London: Routledge, 2008.
- THRIFT, Nigel; DEWSBURY, John-David. Dead geographies – and how to make them live. **Environmental and planning D: Society and Space**, v.18, i.14, p.411-432, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1068/d1804ed>
- TUAN, Yi-Fu. Sign and Metaphor. **Annals of the Association of American Geographers**, v.68, n.3, p.363-372, set. 1978. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.1978.tb01200.x>
- UIMONEN, Heikki. Pure Geographer: Observations on J. G. Granö and Soundscapes Studies. **The Journal of Acoustic Ecology**, v.8, n.1, p.14-16, 2008.
- VANNINI, Philip. Non-Representational Research Methodologies: An Introduction. In: VANNINI, Philip. **Non-Representational Methodologies: Re-Envisioning Research**. New York: Routledge, 2015.
- VILLIERS, Marq. **Água**: Como o uso deste precioso recurso natural poderá acarretar a mais séria crise do século XXI. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- WATERTON, Emma. More-than-representational landscapes. In: HOWARD, P. et. al. (eds). **The Routledge Companion to Landscape Studies**. London: Routledge, p.91-101, 2019.
- WILCOCK, A. A. Region and Period. **Australian Geographer**, v.6, n.3, p.39-40, 1954. DOI: <https://doi.org/10.1191/0309132504ph488oa>
- WISHART, David. Period and region. **Progress in Human Geography**, v.28, n.3, p.305-319, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1191/0309132504ph488oa>
- WOLF, Eric R. Inventing society. **American Ethnologist**, v.15, n.4, p.752-761, nov. 1988. DOI: <https://doi.org/10.1525/ae.1988.15.4.02a00100>

- WRIGHT, John Kirtland. Terrae Incognitae: O lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, v.4, n.2, p.4-18, Inverno, 2014 [1946]. DOI: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2014.42.a12896>
- WYLIE, John. The spectral geographies of W.G. Sebald. **Cultural Geographies**, v.14, p.171-188, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1177/1474474007075353>
- YOUNG, Benjamin D. Perceiving Smellscapes. **Pacific Philosophical Quarterly**, v.101, i.2, p.203-222, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1111/papq.12309>
- ZARA, Cristiana. Venice in Vanarasi: Fluid landscapes, aesthetic encounters and the unexpected geographies of tourist representation. **Shima**, v.15, n.1, p.225-255, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21463/shima.121>

Recebido em: 21/04/2023

Aceito para publicação em: 27/10/2023